

ESTÁGIO CURRICULAR EM ENSINO RELIGIOSO: EXPERIÊNCIA DISCENTE E DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS¹

Juciany Dalila Silva Oliveira²
Josilene Silva da Cruz³

RESUMO

O presente texto tem como finalidade relatar uma experiência de estágio do curso de Ciências da Religião da UERN realizada durante os estágios supervisionados I e II nas séries iniciais do Ensino Religioso. A metodologia abordada no presente relato trata-se de uma pesquisa bibliográfica associada ao próprio relato de experiência (RE). Inegavelmente tratar dos estágios, sobretudo nos anos iniciais, é um debate necessário para viabilizar discussões acerca da realidade a ser enfrentada pelo discente em formação em seu campo de atuação. Políticas públicas, infraestrutura das escolas, aspectos formativos iniciais e continuados, material didático, gestão escolar, entre outros temas estão entrelaçados com a prática dos estágios, pois é nessa experiência que o discente em formação tem contato com esses elementos fazendo-o compreender que estagiar não se resume ao simples fato de conhecer a prática de sala de aula. Nessa perspectiva, foi possível concluir que a experiência do estágio nessa fase anos iniciais possibilita que estudante estagiário possa visualizar os desafios enfrentados no cotidiano docente como: alunos ainda passando pelo processo de alfabetização, recursos pedagógicos limitados, ter apenas uma aula por semana em cada turma, entre outros fatores que surgem no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Séries Iniciais. Ensino Religioso.

ABSTRACT

The present text has as purpose report an internship experience from the Sciences of Religion course at UERN performed during supervised internships I and II in the early grades of Religious Education. The methodology addressed in this report this is a bibliographical research associated with the experience report itself (RE). Undeniably deal with internships, especially in the early years it is a necessary debate to facilitate discussions about the reality to be faced by the student in training in your field. Public policy, infrastructure of schools, initial and continuing training aspects, courseware, school management, among other topics are intertwined with the practice of internships, because it is in this experience that the student in training have contact with these elements making him understand that interning it is not

¹ Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Campus Avançado de Natal – UERN/CAN – como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciada/o em Ciências da Religião.

² Graduanda em Ciências da Religião (UERN/CAN). E-mail: jucianydalila@alu.uern.br

³ Doutora em Ciências das Religiões. Docente do Departamento de Ciências da Religião da UERN/CAN. E-mail: josilenesilva@uern.br

limited to the simple fact of knowing the classroom practice. In this perspective, it was possible to conclude that the experience of the stage in this phase early years enables intern student can visualize the challenges faced in the teaching routine such as: students still going through the literacy process, limited teaching resources, have only one class per week in each class, among other factors that arise in the school routine.

Keywords: Supervised internship. Initial series. Religious education.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata uma experiência discente focada nas vivências dos estágios supervisionados I e II no curso de Ciências da Religião, realizados nas séries iniciais do 1 ao 5º ano, na disciplina de Ensino Religioso. Segundo o art. 61 da LDB (1996), os estágios supervisionados constam de atividades de prática pré-profissional exercidas em situações reais de trabalho nos termos da legislação em vigor.

Para os que estão em formação docente é inevitável passar por situações como falta de material didático, pouca infraestrutura escolar, planejamentos que não deram certo, intervenções pedagógicas, entre outros. Diante disso, durante o estágio supervisionado, o discente tem a possibilidade de analisar o contexto de sua prática e refletir criticamente sobre o que está em sua volta, identificando fragilidades e potencialidades no estágio e em sua prática pedagógica.

É importante que o(a) discente esteja disposto a entregar-se por inteiro, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental, onde as crianças precisam de profissionais que lhe acompanhem de perto e que possam estabelecer uma boa comunicação. É uma enorme contribuição para a vida profissional e pessoal, pois é uma etapa de aprendizado na qual o estagiário deve aproveitar todas as oportunidades que lhe aparecem para aprimorar seus conhecimentos e experienciar sua futura atividade profissional, desde a disciplina do estágio ao que a escola lhe oferece.

Levando em consideração que o estágio é um componente de formação profissional, pode-se deduzir que a relevância da pesquisa se dá pelo fato de **tratar** de experiências que fazem parte da formação docente e que precisam ser **tratadas**

para dar visibilidade às diferentes práticas encontradas no âmbito da academia, de forma particular, no Ensino Religioso em sua identidade atual.

O estágio, enquanto componente obrigatório no curso de licenciatura em Ciências da Religião representa uma oportunidade de aproximar o discente do seu campo profissional e de compreender os conhecimentos metodológicos necessários no processo da educação, no qual os estagiários são confrontados com os desafios da realidade escolar. Dessa forma, pode-se entender que as experiências de estágio promovem uma ambiência para a criação de identidades e de experiências com as diversas situações que se apresentam no campo profissional.

O interesse pelo tema se deu em função da autora encontrar-se no processo formativo na referida área de conhecimento enquanto discente do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A inserção nos estágios a partir do 5º período proporcionou à autora o contato com a realidade escolar e trouxe a inquietação de buscar entender se em outras realidades também se encontrariam as dificuldades presentes no contexto do professor de ensino religioso. Inegavelmente tratar dos estágios, sobretudo nos anos iniciais, é um debate necessário para viabilizar discussões acerca da realidade do docente em seu campo de atuação. Políticas públicas, infraestrutura das escolas, aspectos formativos iniciais e continuados, material didático, gestão escolar, entre outros temas estão entrelaçados com a prática de estágios, pois é nessa experiência que o discente em formação tem contato com esses elementos fazendo-o compreender que estagiar não se resume ao conhecer a prática de sala de aula. Existem muitos outros fatores que interferem nessa prática.

O que motivou a busca por esses trabalhos considera todo o histórico do Ensino Religioso permeado por avanços e retrocessos, de modo que, o presente relato de experiência visa investigar as diferentes práticas de estágio e destacar quais as principais dificuldades enfrentadas nos estágios I e II que ocorrem no 5º e 6º períodos respectivamente. E que no caso da autora foram cursados ao longo dos períodos 2021.1 e 2021.2. do curso de Ciências da Religião nas séries iniciais.

Para Locatelli (2007) o estágio Curricular Supervisionado precisa superar o praticismo, para ser pensado e vivenciado como elo entre os saberes pedagógicos desenvolvidos na relação entre a escola e a universidade, levando em consideração o contexto histórico-social em que se insere.

Dessa forma, supomos que na realização do estágio curricular em ensino religioso o (a) estagiário se depara com dificuldades de diversas naturezas pela própria dinâmica do cotidiano do professor de ER como: a falta de letramento das crianças, o pouco contato com os alunos devido à inserção do professor de ensino religioso restrita a uma aula por semana, limitações na infraestrutura escolar, entre outros. O que implica também na dificuldade do estagiário de ter um contato maior com a realidade escolar podendo causar desmotivação no processo formativo.

Nessa perspectiva, consideramos relevante refletir sobre os seguintes questionamentos: será que alguns aspectos desafiadores da prática docente já podem ser percebidos nessa fase da formação inicial durante os estágios? E ainda, quais seriam as maiores dificuldades do(a) professor(a) de Ensino Religioso nas turmas de anos iniciais?

Nesse sentido, o trabalho apresenta como objetivo geral narrar uma experiência de estágio no curso de Ciências da Religião, destacando as dificuldades enfrentadas no cotidiano do docente de Ensino Religioso e de forma específica nos anos iniciais pela ótica do discente estagiário. E como objetivos específicos destacar a fundamentação legal do estágio perante as legislações atuais e de forma específica no contexto da UERN. E por fim, destacar as dificuldades do cotidiano do docente do Ensino Religioso a partir do relato de experiência discente vivenciado durante os estágio I e II no curso de ciências da Religião.

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresenta um percurso metodológico num primeiro momento na pesquisa bibliográfica com busca de materiais que registrem diferentes experiências de estágio nos anos iniciais, e será integrada a um relato de experiência realizado pela autora nos estágios I e II. Nesse sentido, a concepção de pesquisa bibliográfica e sua relevância se demonstra nas palavras de Freitas e Prodanov (2013), indicando que

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos,

observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

A pesquisa bibliográfica é essencial para a produção do conhecimento científico, pois quando se trata de relato de experiência é possível diferenciar os contextos metodológicos da reflexão. Para Mussi et al (2021), o RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

Diante da característica principal do RE, esta produção do conhecimento tem aproximação com os estudos descritivos, visto que descreve fenômenos a partir de possíveis estabelecimentos de relações da ação (GIL, 2008). Daltro e Faria (2019), apontam que o RE é então arquitetado, de forma geral, como ultrapassagem, na medida em que essas atividades de elaboração do pesquisador não permitem a apresentação da experiência em termos binários: realidade/fantasia; endógeno/exógeno, determinismo/hermenêutica, passado/futuro.

Assim, dando continuidade ao percurso metodológico adotado na pesquisa, destaca-se adiante as características referentes ao relato de experiência. A primeira observação com relação a esse método consiste na dificuldade de referências mais tradicionais ou em livros e manuais de metodologia, talvez em função de se tratar de algo de prática mais recente nos textos disponíveis na atualidade. De qualquer forma, em artigos sobretudo da área de saúde, se tem o registro dessa prática que pode ser definida da seguinte forma:

Pressupõe-se no RE um trabalho de concatenação e memória, a elaboração de um acontecido que como vê seu relator, invocando suas competências reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo. Então, o trabalho narrativo da singularidade no RE é sempre e invariavelmente um trabalho de linguagem. É importante notar que, através da linguagem, que afeta a singularidade diferentemente, de modo extra e intrasingular – extra porque o código de linguagem precede quem o utiliza, e intra porque será, por meio de sucessivas operações, realizadas por cada um, a necessária condição e medida para poder se falar “eu” – o eu, posto de formas distintas, advém como um relevante dispositivo de formação da experiência. (DALTRO; FARIA, 2019, p. 226)

O conhecimento humano está interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais (MUSSI; FLORES; ALMEIDA. 2021, p. 63). Descrever as experiências vivenciadas durante os estágios é uma forma de analisar também o desempenho do graduando em formação. Para

Gaya & Gaya (2018), o relato de experiência revela uma realidade construída pelo pesquisador, ele próprio que vai interpretar e construir a realidade que pretende relatar.

Além do relato de experiência, metodologicamente a pesquisa buscou fazer uma comparação com outras experiências discentes, e para tanto, foi feita uma busca por trabalhos que serviram como fontes bibliográficas. Na coleta foram utilizadas como palavras-chave para a busca de termos como: Estágio supervisionado, Estágio em Ensino Religioso e Estágio em séries iniciais, na base de dados do Portal de periódicos CAPES, Google acadêmico, SciELO, entre outros.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Pimenta e Lima (2017, p. 26) o estágio sempre foi identificado como parte prática dos cursos de formação profissional, em contraposição à teoria. Diante disso, o estágio acarreta para o discente uma aprendizagem para complementar a formação acadêmica e o desenvolvimento de habilidades com relação à sua área de formação.

Em todos os momentos do estágio o discente é confrontado com as realidades das escolas, o que se torna fundamental para entender o contexto escolar, desenvolvendo uma compreensão real do exercício da docência.

É função do estágio possibilitar ao licenciando a capacidade de, por si próprio, enxergar a realidade, desenvolver um pensamento crítico, saber agir mediante as circunstâncias e transformar a realidade de acordo com cada contexto (BIASOTTO, 2020, p. 03).

Segundo o Regulamento de organização e do funcionamento do currículo pleno no curso de licenciatura em ciências da religião, no Art. 23.

O Estágio Curricular obrigatório do Curso de Ciências da Religião é constituído de atividades práticas obrigatórias, exercidas pelos alunos nos estabelecimentos de ensino básico, público e privado e tem como objetivos:

- I. A aplicação, ampliação e adequação dos conhecimentos técnico-científicos e metodológicos necessários ao processo da educação;
- II. O desenvolvimento de habilidades e competências técnicas requeridas ao profissional do ensino religioso;
- III. A articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica com vistas ao exercício da função docente. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 2018, p. 161)

Segundo Pimenta e Gonçalves (2017), a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação em relação à realidade na qual atuará. O processo de estágio é uma oportunidade onde os discentes têm a possibilidade de refletir sobre a prática docente na sala de aula. Ademais, para Fontes e Porto Júnior (2019),

É no estágio onde temos a oportunidade de vivenciar tudo aquilo que aprendemos na graduação, de refletir sobre quais práticas iremos escolher futuramente, quais as melhores formas de agir dentro da sala de aula com as crianças. É tempo de conhecer, analisar e experimentar as práticas tão sonhadas teoricamente. É possível também, que nós, alunos, aprimoremos nossas escolhas, a partir do contato com as realidades vivenciadas. (FONTES; PORTO JÚNIOR, 2019, p. 07)

Vivenciar e refletir sobre as experiências de estágios, são oportunidades para que possamos construir novos conhecimentos. Certamente, essas experiências auxiliam no processo formativo dos discentes. Ao realizar atividades como observar, planejar e ministrar aulas, o discente em formação adentra no universo de atividades que o docente vivencia no seu cotidiano e isso facilita o desenvolvimento do(a) estudante para se tornar um profissional capacitado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O estágio na licenciatura em Ciências da Religião da UERN: legislação e caracterização

Com o intuito de enfatizar a relevância do estágio e seu fundamento legal recorreremos à lei N^o 11.788, de 25 de setembro de 2008, que trata da classificação e relações de estágio:

Art. 1^o Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1^o O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2^o O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

É preciso lembrar que essa lei também traz a caracterização de outras modalidades de estágio como os estágios não-obrigatórios ou os chamados estágios

remunerados. No entanto, considerando o foco de nosso estudo, não trouxemos sua caracterização mediante essa regulamentação. Mas, segundo o Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de maio de 2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena:

A proposta de diretrizes nacionais para a formação de professores para a educação básica brasileira busca também construir sintonia entre a formação de professores, os princípios prescritos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN, as normas instituídas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil, para o ensino fundamental e para o ensino médio, e suas modalidades, bem como as recomendações constantes dos Parâmetros e Referenciais Curriculares para a educação básica elaborados pelo Ministério da Educação.

De acordo com o exposto, há um esforço por articular as proposições presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN, e os demais documentos que norteiam a formação docente dentre eles os Parâmetros e referenciais curriculares para que também seja levada em conta as especificidades de cada contexto.

Ademais, o estágio também é tratado em legislações específicas no contexto da UERN como é o caso do capítulo I, sobre a concepção de estágio na UERN, RESOLUÇÃO Nº 06/2015, estabelece no Art. 2º que,

O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório nos Cursos de Licenciatura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN é concebido como um campo de conhecimento teórico-prático e interdisciplinar, que possibilita ao educando a aproximação, reflexão, interação e atuação no contexto social, ético, político, tecnológico, cultural e educacional no qual o trabalho docente está inserido, configurando-se, assim, como espaço de convergência dos conhecimentos científicos pertinentes a cada área e das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer dos Cursos, sendo essencial para a formação de competências docentes do futuro profissional licenciado.

No que se refere às legislações pertinentes ao Ensino Religioso e em sua correlação com o estágio e a formação inicial pode-se destacar o Art. 33 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/1996) indicando que o ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997). Assim fica evidenciado a importância de uma formação consistente e pautada na legislação

para fundamentar o Ensino Religioso cientificamente para distanciá-lo cada vez mais de sua herança proselitista, para que esse registro fique apenas em seu passado.

O estágio é um exercício da futura profissão que possibilita ao estagiário a execução de conhecimentos teóricos na prática (SCALABRIN; MOLINARI, 2013). Para os futuros profissionais, o estágio é fundamental, visto que é uma oportunidade única de desenvolvimento profissional e social. O ambiente escolar propicia um autoconhecimento, fazendo com que o estagiário crie a sua identidade (KRUG et al., 2013).

Diante disso, as experiências de estágio são ferramentas essenciais para promover aprendizagens que contribuam para a formação acadêmica de cada estagiário em relação a sua área de formação, principalmente quando se trata das séries iniciais, que é um dos campos de atuação para o profissional formado em ciências da religião. Esta etapa é vista como umadas fases que exige um maior empenho por parte do professor, **tendo em vista a necessidade de adequação da linguagem para que se torne compreensível o aprendizado nessa fase em função do nível de desenvolvimento cognitivo das crianças.**

O estágio, enquanto componente obrigatório no curso de licenciatura em Ciências da Religião, representa uma oportunidade de aproximar o discente do seu campo profissional e também de compreender os conhecimentos metodológicos necessários no processo da educação, onde os estagiários são confrontados com os desafios da realidade escolar. Dessa forma, pode-se entender que as experiências de estágio promovem uma ambiência para a criação de identidades e de experiências com as diversas situações que se apresentam no campo profissional.

Dessa forma, de acordo com a Resolução CNE/CP 5/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de dezembro de 2018, Seção 1, p. 64 e 65. Encontra-se o respaldo legal para a formação em Ciências da Religião para atuação profissional no Ensino Religioso. Nesse sentido, o curso de licenciatura em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ) oferta aos seus discentes uma formação consistente e de acordo com seu Projeto Político Pedagógico (PPC) de 2014/2018 possui um total de 3.335h, sendo reservadas deste total 525h para as atividades de estágio.

Nesse sentido, destacamos que o Estágio Supervisionado, no curso de licenciatura em Ciências da Religião, é ofertado entre o 5º e 8º períodos da formação. Sendo reservada uma carga horária para as atividades formativas que

ocorrem na universidade e outra para as atividades desenvolvidas em campo. De acordo com o PPC do curso de Ciências da Religião (2018) o estágio tem sua carga horária e atividades distribuída da seguinte forma:

Quadro resumo das atividades de estágio

I. No Estágio Supervisionado I a) Diagnóstico – 30 horas b) Observação (in loco) – 30 horas c) Relatório – 30 horas d) Orientação – 30 horas	II. No Estágio Supervisionado II a) Diagnóstico – 20 horas b) Observação (in loco) – 25 horas c) Planejamento – 20 horas d) Regência de classe – 20 horas e) Relatório – 20 horas f) Orientação – 30 horas
III. Estágio Supervisionado III a) Diagnóstico – 20 horas b) Observação (in loco) – 20 horas c) Planejamento – 15 horas d) Regência de classe – 20 horas e) Oficinas pedagógicas – 15 horas f) Relatório – 15 horas g) Orientação – 30 horas	IV. Estágio Supervisionado IV a) Diagnóstico – 20 horas b) Planejamento de mini-cursos – 30 horas c) Regência de mini-cursos – 20 horas d) Relatório – 20 horas e) Seminário de socialização e avaliação – 15 horas f) Orientação – 30 horas

Elaborado pelas autoras: adaptado do PPC do Curso (2018, p. 163-164)

Conforme se verifica na tabela acima há uma diversificação das atividades de estágios de acordo com cada fase à qual o(a) discente vai avançando em sua formação. Porém dada a limitação de nosso trabalho, de acordo com o que foi mencionado anteriormente, o nosso foco no presente texto encontra-se nos estágios I e II, tendo em vista que nessa fase o(a) estagiário(a) tem contato com o ER nos anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

4.2 O estágio nos anos iniciais do Ensino Religioso: relato de experiência

Inegavelmente falar de Ensino Religioso sempre nos remete a uma diversidade de experiências desafiadoras e isso pode ser destacado desde a formação inicial até a continuada. Dessa forma, nesse trecho iremos apontar alguns registros da nossa própria experiência de estágio nos anos iniciais, para isso, é importante entendermos que:

O Ensino Religioso, somente será vitalizante se for ecumênico, focalizando apenas a religiosidade em seu aspecto epistemológico, sem qualquer tendência para exaltar religiões específicas. As escolas devem sim oferecer Ensino Religioso, pois as nossas crianças precisam aprender a dialogar com a diversidade humana desde cedo. Valores como respeito, tolerância e solidariedade podem ser aprendidos na educação religiosa, se está acontecer orientada pelos preceitos epistemológicos, pedagógicos e

metodológicos indispensáveis à sua inserção no contexto escolar (BARROSO, 2014, p. 06).

Durante os estágios nas séries iniciais vivenciados pela autora foi possível identificar que os planejamentos educacionais são fundamentais para que se possa desenvolver um bom estágio. O momento de planejar é também um momento de reflexão, onde o estagiário identifica problemas do contexto social dos alunos, o que pode ser um dos fatores que dificultam os processos de ensino e aprendizagem dos alunos. Dessa forma, é importante que o estagiário organize seu material de ensino com a finalidade de favorecer a relação entre professor e aluno, algo que é fundamental no estágio em séries iniciais.

Com relação aos processos de aprendizagem nas séries iniciais é comum a avaliação formativa e somativa, onde é necessário observar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Na disciplina de Ensino Religioso, esse processo de avaliação se torna algo mais difícil, tendo em vista que cada turma só tem uma aula por semana.

Durante o estágio, o exercício da futura profissão, possibilita que o estagiário possa criar ou desenvolver atividades que contribuam com a formação de personalidade dos discentes, assim como os ajuda a pensar em um futuro onde eles possam ter atitudes e convicções. Para Piaget, "As crianças estruturam seus conhecimentos através da manipulação de objetos e começa a compreendê-los à medida que age sobre eles através do ato de pegar, ordenar, juntar, separar e classificar".

Diante disso, planejar as aulas de regência nas séries as iniciais por meio do lúdico é uma ótima estratégia para as crianças compreenderem melhor os conteúdos propostos. Para a sociologia da educação, "O brincar tem sido visto como uma das maneiras mais puras de inserir as crianças na sociedade, pois é através do ponto de vista da criatividade, tanto do ato de brincar quanto o ato criativo, estão centrados na busca do 'eu' ". Desse modo, como a disciplina de ensino religioso nas escolas públicas não disponibiliza livros didáticos, explorar o ato de brincar tem sido uma alternativa para as crianças aprenderem aquilo que está previsto na BNCC.

Durante o estágio supervisionado I, que ocorreu no 5º período, no semestre 2021.1, na Escola Estadual Professor Antônio Fagundes, situada no bairro - Nossa Sra. da Apresentação – Natal, foi possível observar e ter contato de forma remota (tendo em vista que estávamos vivenciando um período de pandemia) com o futuro

campo de atuação, visando entender a realidade dos alunos, professores e da escola no período da pandemia.

A escola que foi realizado o estágio supervisionado I, apresenta uma clientela que se encontra em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, o ensino remoto durante o período da pandemia foi bastante difícil, tendo em vista que, grande parte dos alunos não possuía acesso às mídias tecnológicas para auxiliar nas aulas remotas. Sendo assim, a supervisora de campo, graduada em Ciências da Religião que trabalha com turmas de 1º a 5º ano, não conseguia obter sucesso nas aulas via WhatsApp.

No momento de correção das atividades, a professora identificava que alguns alunos estavam tendo suas atividades respondidas por outras pessoas, por já ter acompanhado os alunos de forma presencial, ela conhece a escrita e dificuldades dos alunos, ao analisar as atividades ela percebe que alguns apresentam a escrita diferente de quando as aulas eram presenciais, concluindo que alguém está respondendo por eles.

A supervisora de campo planejava suas aulas semanalmente, todas às segundas no período da tarde. Os conteúdos eram sempre embasados nos documentos nacionais para o ensino fundamental e as aulas de ensino religioso aconteciam todas as quartas pela manhã, via grupos de WhatsApp. A professora iniciava sua aula com mensagens de bom dia nos grupos, em seguida encaminhava as atividades e enviava um áudio fazendo a leitura de cada uma delas.

Infelizmente não era possível obter uma metodologia participativa, e não era possível identificar as necessidades dos alunos, principalmente nos anos iniciais. Muitos alunos não sabiam ler, a grande maioria dependia do celular de algum familiar, outros precisavam dividir o aparelho com algum irmão e na maioria dos casos, seus pais relataram que não tinham condições financeiras para colocar internet nos aparelhos, essa série de fatores impediam a participação e interação dos alunos no ensino remoto.

Em meio a um surto pandêmico, onde várias pessoas morrem por dia e, muitas delas são próximas, torna-se difícil exercer qualquer trabalho ou função. Realizar o estágio nesse período foi um desafio. Se no Brasil encontram-se falhas no ensino presencial, o que dirá da modalidade de ensino remoto. Um ensino excludente, onde apenas quem tem acesso a ferramentas digitais pôde estudar de forma eficiente.

O estágio supervisionado I foi uma oportunidade de experimentar pela primeira vez a situação da futura profissão. É importante que o estagiário esteja sempre disposto a entregar-se por inteiro, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental I, onde as crianças precisam de profissionais que lhe assistam de perto e que falem a sua língua. Trata-se de uma enorme contribuição para a vida profissional e pessoal, pois, é uma etapa de aprendizado e muito crescimento.

Após vivenciar um período de pandemia, onde foi necessário realizar o estágio I de maneira remota, onde apenas quem tinha acesso a ferramentas digitais poderia estudar, foi possível realizar o estágio II de forma presencial, no 6º período, no semestre 2021.2. Segundo Pimenta e Gonçalves (2009), a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. O processo de estágio é uma oportunidade onde os discentes têm a oportunidade de refletir sobre a prática docente na sala de aula.

O estágio supervisionado II, possibilitou vivenciar a realidade de se trabalhar com a educação nos anos iniciais, o que, sem dúvidas, foi uma experiência muito gratificante, inegavelmente há um processo de troca de conhecimentos e de aprendizado com as crianças, independentemente da fase em que se encontram, elas sempre nos ensinam algo. Apesar das dificuldades presentes na realidade da escola pública, ao longo das aulas foi se tornando mais evidente a importância de conquistar a confiança das crianças para desenvolver um bom estágio independente das dificuldades que a escola enfrenta diariamente.

Em síntese podemos destacar que, ao nosso ver, uma das principais dificuldades enfrentadas nessa fase dos estágios nos anos iniciais são: lidar com as crianças a partir de 06 anos de idade que ainda estão vivenciando o processo de alfabetização. Componentes fundamentais como leitura e escrita são fatores que dificultam as aulas de Ensino Religioso, principalmente pela nova identidade dada ao componente que precisa tratar da diversidade e não da religião em forma de catequese como ocorreu historicamente por muito tempo.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica consta que, o acesso ao Ensino Fundamental aos 6 anos de idade, especificamente nos anos iniciais, permite que todas as crianças brasileiras possam usufruir do direito à educação, beneficiando-se de um ambiente educativo mais voltado à alfabetização e ao letramento. Por ainda estarem passando pelo processo de letramento, uma das alternativas para atenuar as dificuldades presentes na sala de aula é explorar a

ludicidade, buscando-se por meio de jogos, brincadeiras, desenhos ou até mesmo música as crianças possam ter um maior desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

O Ensino Religioso hoje exige do docente uma formação específica e nela aspectos relacionados ao como falar de quem tem fé e também de quem não tem estão postas no mesmo grau de importância. E para isso, nem sempre explorar o lúdico é o suficiente para atingir os objetivos de uma aula. E nesse sentido, precisamos referenciar a positividade da BNCC para suprir minimamente esse aspecto, já que não se tem uma coleção de livros didáticos que sejam oficialmente adotados pelo MEC.

Outro aspecto importante está na dificuldade de estruturar um conteúdo que seja articulado com o planejamento do professor pedagogo, por exemplo, pois a aula de Ensino Religioso ocorre como uma espécie de ruptura daquilo que o outro docente está executando. Afinal como falar de transcendente nessa fase, como fazer essa representação tendo em vista que os alunos ainda não dominam a leitura, então o/a professor/a precisa ser bastante criativo para suprir essa necessidade.

E uma última dificuldade que podemos destacar está no pouco tempo reservado para esse componente, embora saibamos que essa limitação não se restringe aos anos iniciais. Mas, o contato com cada turma durante 50 minutos uma vez por semana, não facilita o fortalecimento de vínculos, pois nessa fase as crianças em geral costumam expressar sentimentos e afetos por seus professores e no caso de Ensino Religioso é uma relação ainda muito superficial pelo pouco contato, e isso também interfere no aprendizado. E por fim, recursos pedagógicos limitados, também podem ser pontuados como dificuldade, mas também ocorre em outras fases.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar nossos questionamentos iniciais que visavam constatar se alguns aspectos desafiadores da prática docente já poderiam ser percebidos nessa fase da formação inicial durante os estágios e também, quais seriam as maiores dificuldades do(a) professor(a) de Ensino Religioso nas turmas de anos iniciais.

Podemos dizer que é perceptível que, os desafios da prática do estágio supervisionado, fizeram-se presente em ambas as modalidades, seja no estágio

remoto ou na prática presencial, como tivemos a oportunidade de vivenciar, e registramos apenas a título de informação por não ser o nosso foco. No entanto, é válido ressaltar que ambas as modalidades de ensino foram oportunidades de visualizar e comparar as experiências com turmas de séries iniciais, comprovando que ambas são bastantes desafiadoras, tendo em vista que é o primeiro contato do formando com seu futuro campo de atuação.

Trabalhar com séries iniciais requer uma grande dedicação, independente da licenciatura que está sendo cursada. Porém, quando se trata de Ensino Religioso é algo ainda mais desafiador, ser um profissional/estagiário que “acompanha as crianças de perto” e que “usem sua mesma linguagem”, torna-se uma tarefa quase muito difícil porque em muitas situações não conseguimos nos colocar de forma adequada perante as crianças principalmente pela dificuldade de se trabalhar com atividades lúdicas, que é algo essencial nessa fase.

Vivenciar a prática do estágio é ter contato com as limitações que existem no Ensino Religioso, ver cada turma uma vez por semana e aprender a administrar 50 minutos de aula, fazem parte do conjunto de fragilidades que interferem diretamente no desenvolvimento do estágio.

Observar e aprender como se trabalha com crianças é uma oportunidade de ajustar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação, com o intuito de adequar-se às necessidades dos alunos, para que dessa forma seja possível atingir os objetivos do estágio supervisionado.

REFERÊNCIAS

BIASOTTO, Leonardo Caumo *et al.* **Proposta de estágio supervisionado no ensino fundamental em situação de pandemia**: relato de experiência. In: VIII Jornada Nacional de Educação Matemática e XXI Jornada Regional de Educação Matemática. **Anais**. Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2020, s/p.

BRASIL. **Lei nº. 11788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre estágio de estudantes. Diário Oficial da União 26 dez 2008.
Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm. Acesso em: 09 mar. 2023.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES** - Lei 9394/96 | Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-33>. Acesso em: 08 set. 2022.

CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. **Projeto pedagógico do curso de Ciências da Religião**. Natal: UERN, 2013

DALTRO, M. R; FARIA, A. A de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pósmodernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n1/v19n1a13.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa. In: MAZUCATO, Thiago (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018. Disponível em: <http://funepe.edu.br/arquivos/publicacoes/metodologia-pesquisa-trabalho-cientifico.pdf>

FONTES, Antônio Robson Pereira; PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças. O ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma vivência. **Capim Doutorado Diálogos da Extensão**, Tocantins, v. 2, n. 2, p. 1-14, abr. 2019.

KRUG, Hugo Norberto et al. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 8, n. 1, p. 252-274, 2013.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 16 set. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. [Colaboração: Erika Barroso Dauanny e Elisângela A. da Silva Costa]. 8ª ed. rev. atual. e ampl. - São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma G (org.). **Didática e formação de professores**: percurso e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 2000.

PRADO, Margareth Simone Marques. **Psicologia da educação**. Cruz das Almas, BA: SEAD-UFRB, 2017.p.20-21.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0->

<4d5bb1ad1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revista Unar, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. [livro eletrônico]. - 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Maria de Fátima Gomes de Matos. **DESAFIOS ENCONTRADOS POR PROFESSORES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA NA IDADE CERTA - PNAIC**. 2017. 16 - Curso de Curso de Especialização em Educação, Educação, Ufpb, Paraíba, 2017.